

Clássicos recontados: “A Mágica de Fudukazi” e “A Criança Mais Bela”

Hatsuya Kimura

Esses dois contos infantis, embora escritos por duas autoras de países diferentes com culturas diferentes, têm algo em comum. Ambos possuem um apelo universal: tanto no conto sul-africano como no conto hindu, existe a apologia à generosidade e à sabedoria; as autoras de ambos os contos são *storytellers*, envolvidas com projetos educacionais e sociais. Os dois textos fazem parte de uma série intitulada *Stories from a Range of Cultures*, com nove contos sobre os mitos, as lendas e o folclore de diferentes culturas.

Gcina Mhlophe é escritora, poetisa, atriz e contadora de histórias sul-africana, nascida em 1959; é autora de livros infantis e peças teatrais também. Conheci Gcina em agosto de 2004, quando eu ainda fazia o Curso de Especialização em Tradução – Inglês, na USP. Foi numa apresentação de *storytelling*. Nos últimos vinte anos, Gcina Mhlophe tem percorrido os países da África e vários outros pelo mundo afora, contando suas histórias ou apresentando suas peças. Além de *Fudukazi's Magic* (1999), entre suas obras, destacam-se: *The Snake with Seven Heads* (infantil, 1989); *Have you seen Zandile?* (peça teatral, 1990); *Queen of the Tortoises* (infantil, 1990); *Fudukazi's Magic* (CD, 2000, lançado na Alemanha) e *Love Child* (2002). O seu trabalho muito tem contribuído para preservar *storytelling* como meio de

manter viva a história e encorajar as crianças sul-africanas a lerem mais e melhor.

Debjani Chatterjee, com mais de 45 obras publicadas, é uma das escritoras de origem asiática mais conhecidas na Inglaterra. É escritora, poetisa, editora e *storyteller*, vivendo atualmente em Sheffield. Nascida em Delhi, viveu também no Japão, Bangladesh, Hong Kong, Egito e Marrocos, antes de ir para a Inglaterra em 1972. Publicou sua primeira coletânea de poesias, *I Was That Woman*, em 1989. Como contadora de histórias, contando ou recontando fábulas, parábolas, mitos e lendas, vem trabalhando, não só com crianças em várias escolas, mas também em universidades, bibliotecas e centros comunitários ao longo das duas últimas décadas.

A tradução dos dois contos foi feita quase que impulsivamente, mas foi uma experiência prazerosa. Quando reli o que havia feito, achei inúmeras "falhas", que fui corrigindo aos poucos. Refiro-me especialmente aos verbos *dicendi* (*said, asked, cried, etc.*), em "Fudukazi's Magic", que revelam muito do caráter das personagens, por exemplo, a Hiena. Ainda em "Fudukazi", mantive três expressões do original: *kwesukesukela*, que abre a história, *hamba, mshologu!*, e *cos cosi iyaphela*, que fecha a história, porque são elas que dão o colorido regional, o indício da origem da autora. Seu pai era zulu e sua mãe, xhosa. Em "The Most Beautiful Child", precisei tomar cuidado para não exagerar nos pronomes pessoais do caso subjetivo.

Apreciem esses dois contos, cuja beleza e simplicidade espero ter conseguido manter nesta proposta de tradução. Com certeza, a cada releitura, poderemos encontrar algumas "falhas" ou soluções que poderiam ser melhores. Acredito que, dificilmente, uma tradução possa ser considerada definitiva; ela sempre poderá adquirir novos matizes... bem, aí, já é uma outra história.

A Mágica de Fudukazi

Uma história tradicional do Sul da África

Kwesukesukela, aconteceu há muito tempo. Houve uma época em que todos os animais do mundo eram de uma mesma cor marrom desbotada: os pequenos e os grandes, os ferozes e os mansos, os ágeis e os lerdos, todos eram de cor marrom desbotada.

Mas era possível diferenciar os animais. Eles tinham tamanhos diferentes. Comiam comidas diferentes. Emitiam sons diferentes.

Alguns animais não se incomodavam com a cor que tinham. Eram felizes contanto que tivessem o que comer e se sentissem saudáveis. Outros já queriam melhorar a aparência, mas não sabiam como.

Naquela época, havia uma velha e sábia tartaruga que já tinha vivido quase duzentos anos. Era lenta como todas as tartarugas, mas sabia ouvir e aprender. Ela havia aprendido muitas e muitas coisas em sua vida.

A maioria dos animais, pássaros, répteis e insetos gostava da velha e sábia tartaruga.

Todos a chamavam de Fudukazi. Esse nome significava muitas coisas como Reverenda Tartaruga, Respeitável Tartaruga ou Rainha Mãe Tartaruga.

Porém, Fudukazi possuía uma inimiga.

Um dia, fazia muito calor. Era como se o sol tivesse chegado um pouco mais perto. A Hiena estava procurando comida. Andara por muito tempo e não achara coisa alguma. Estava de péssimo humor e desejava encontrar alguém a quem culpar pela fome.

Perto de um riacho, ela viu uma árvore que oferecia sombra. Aproximou-se e bebeu um pouco de água antes de ir descansar um instante.

Logo adormeceu profundamente e, então, o som de uma voz alegre a despertou.

– Ooobaa! Que sorte a minha! Hummm, vejam só quantos cogumelos!

A Hiena abriu um olho e olhou.

– Ah, não – resmungou – é aquela velha tartaruga esquisita chamada Fudukazi!

– Você aí, pare de cantar e comer esses cogumelos! – gritou com raiva para Fudukazi.

Mas Fudukazi sorriu alegremente e disse:

– Oh, é você, Hiena. Não fique tão brava. Venha se juntar a mim. Aqui tem cogumelos de sobra.

– Odeio cogumelos! – grunhiu a Hiena, sentindo muito calor e muita fome.

Daí, a Hiena teve uma idéia. Catou a velha tartaruga e colocou-a na árvore. Com um riso maldoso, disse:

– Ah! Ah! Agora vamos ver se você come os cogumelos.

A Hiena saiu andando satisfeita por saber que Fudukazi também passaria fome.

Fudukazi se debatia, mas tinha medo de cair a qualquer momento. A velha tartaruga gritou por socorro o mais alto que pôde. Apenas o eco da própria voz respondeu.

Logo, um jovem leopardo passou por ali. Era um leopardo de cor marrom desbotada como todos os outros animais. Ele ficou assustado com o que viu.

– Fudukazi, o que está fazendo aí em cima? Desde quando sobe em árvores?

– A Hiena me pôs aqui. Por favor, Leopardo, ponha-me no chão! – pediu Fudukazi.

O Leopardo levantou-se rapidamente nas pernas traseiras e trouxe Fudukazi para baixo com segurança.

– Não se vá ainda. Quero lhe agradecer por salvar a minha vida. – disse a velha e sábia tartaruga.

O Leopardo, porém, falou:

– Não precisa me agradecer.

Fudukazi disse sorrindo:

– Acho que você vai gostar do que desejo fazer por você. Venha cá, feche os olhos e faça um pedido.

O Leopardo se agitou. Ele sempre quis uma pelagem nova, mais colorida. Fechou os olhos e desejou, de todo o coração, tornar-se belo.

Fudukazi andou em volta dele, devagar como todas as tartarugas e cantou uma canção:

“Por favor, faça-o belo porque ele é tão gentil.”

Por três vezes cantou essa canção e, a seguir, disse:

– Leopardo, abra os olhos!

Quando abriu os olhos, o Leopardo viu que tinha uma pelagem cor de mel toda coberta com manchas escuras de cor marrom. Ele pulava de alegria, rindo.

– Obrigado, Fudukazi, sábia e adorável tartaruga! – exclamou alegremente.

Saiu correndo, sem saber para onde, feliz demais para poder pensar. Chegou a um lugar onde muitas mulheres estavam trabalhando nos campos, perto de um vilarejo. Elas ficaram admiradas com a beleza do Leopardo.

– Que animal é aquele? Vamos pegá-lo! Quero que seja meu animal de estimação! – gritou uma mulher.

O Leopardo, porém, correu mais rápido e desapareceu na mata.

O Leopardo encontrou a Girafa que também ficou muito impressionada e exclamou:

– Oh, Leopardo, você está bonito! Onde conseguiu essa pelagem nova?

– Com Fudukazi, a velha e sábia tartaruga. Por que você não pede uma também? – respondeu o Leopardo com orgulho.

A Girafa saiu correndo para encontrar Fudukazi. Ela quase pisou o casco da tartaruga, tanta era a pressa.

– Desculpe-me, Fudukazi, acabei de ver a pelagem nova do Leopardo. Posso ter uma também? – perguntou a Girafa.

Fudukazi disse para a Girafa ficar quieta, fechar os olhos e fazer o pedido. Ela assim o fez, desejando de todo o coração tornar-se bela.

Lentamente, como todas as tartarugas, Fudukazi andou em volta da Girafa, cantando a sua canção:

“Por favor, faça-a bela porque ela é tão gentil.”

Ela cantou esses versos três vezes e então disse:

– Abra os olhos, Girafa!

A Girafa ficou muito feliz com a pelagem nova.

– Obrigada, Fudukazi! Obrigada, Respeitável e Veneranda Tartaruga. Estou tão feliz! – exclamou a Girafa.

Ela saiu andando, sentindo-se um novo ser.

A Zebra apareceu de repente na frente da Girafa. Ela parecia um pouco confusa e quase chorando.

– O que está acontecendo por aí hoje? Primeiro, vejo o Leopardo novinho em folha, depois vejo você tão bonita. Eu sou a única que ainda tenho esse marrom desbotado?

A Girafa balançou a cabeça e deu um muxoxo.

– Ah! Por que está tão chateada? – perguntou à Zebra. – Vá falar com a velha e gentil tartaruga e peça-lhe uma pelagem nova. É tudo que você precisa fazer.

A Zebra correu atrás de Fudukazi. Ofegante e sem poder conter as lágrimas, ela implorou por uma pelagem nova.

– Se você não parar de chorar, não vou fazer coisa alguma por você. – disse Fudukazi brincando.

A Zebra limpou as lágrimas bem depressa e disse:

– Veja, não estou mais chorando. Por favor, dê-me uma pelagem nova – do jeito que você quiser!

Fudukazi lhe disse para ficar quieta, fechar os olhos e fazer o pedido. A Zebra assim o fez e desejou, de todo o coração, tornar-se bela.

A Tartaruga andou em sua volta, devagar como todas as tartarugas, e cantou a sua canção:

“Por favor, faça-a bela porque ela é tão gentil.”

Ela cantou os versos três vezes e então disse:

– Abra os olhos, Zebra!

Quando olhou para a pelagem preta e branca, a Zebra ficou sem palavras de tão feliz. Depois disse:

– Do fundo do meu coração, por cada uma das listras da minha pelagem nova, eu lhe agradeço, Rainha Mãe Tartaruga!

Fudukazi viu-a galopando para longe e sentiu-se bem.

Aquele dia tornou-se o dia mais movimentado da longa vida de Fudukazi. Mais animais vieram em busca de novas pelagens. Eles estavam fartos do marrom desbotado. Eles ficavam quietos, fechavam os olhos e faziam o pedido...

Fudukazi andava em volta deles cantando a sua canção. Mais mágica acontecia.

O Guepardo conseguiu manchas. O Elefante conseguiu presas. O Rinoceronte conseguiu chifres. O Antílope conseguiu listras. O Porco-espinho conseguiu espinhos. O Camelo conseguiu uma corcova. O Camaleão conseguiu uma pele que muda de cor a cada dia! E o Leão conseguiu uma enorme juba, que o faz sentir-se soberbo e poderoso ao reinar nas matas e planícies.

A Hiena percebeu que todos os animais tinham uma pelagem nova. Ela exigiu que lhe dissessem quem os havia embelezado.

– Fudukazi, a velha e sábia tartaruga! – era a resposta que vinha repetidamente.

- Vocês estão dizendo que foi aquela velha tartaruga maluca, comedora de cogumelos? – esbravejou a Hiena.

– Sim, ela mesma. – responderam os animais.

A Hiena saiu correndo para procurar Fudukazi. Parou na frente dela e ordenou:

– Torne-me o animal mais belo do mundo. Ou volta já para a árvore!

A Tartaruga, gentilmente, disse para a Hiena:

– Fique quieta, feche os olhos e faça o pedido.

A Hiena ficou lá de olhos fechados. Vocês acham que no coração dela havia algum desejo bom? Não, não havia!

– Ah, se essa tartaruga velha não tivesse um casco tão duro... – isso era tudo que a Hiena pensava e desejava, porque queria comer a tartaruga!

Fudukazi sabia o que a Hiena estava pensando e por isso mudou a letra da sua canção:

“Por favor, faça-a feia porque ela é tão cruel.”

Ela cantou esses versos três vezes e disse:

– Abra os olhos, Hiena.

Quando ela abriu os olhos, não agradeceu e nem mesmo se olhou. Saiu correndo orgulhosamente para se exhibir.

As crianças do vilarejo fugiram com medo quando a viram. Seus pais gritavam:

– Vá-se embora daqui, você vai nos trazer azar. – E diziam na língua deles – *Hamba, Mshologu!*

Isso feriu um pouco os sentimentos da Hiena, mas ela achou que as pessoas só estavam com inveja.

Ao correr para a mata, ela encontrou outros animais admirando-se uns aos outros. Eles pararam e olharam para a Hiena estupefatos.

Apontavam para ela, gritando:

– Por favor, não se aproxime de nós! Você é feia!

Os animais gritaram muitos outros insultos.

Então, a Hiena teve de se olhar pela primeira vez. Ah, estava horrível!

A Hiena foi se esconder atrás de umas moitas espessas, torcendo para que ninguém olhasse para ela ou dissesse algo a respeito de sua pelagem nova.

A Hiena sabia que, se ela tivesse sido mais gentil com os outros, sua vida poderia ter sido melhor. A partir de então, ela parou de caçar durante o dia.

Quando caçava à noite, sob o manto protetor da escuridão, ela sempre se lembrava de uma borboleta de cores brilhantes. Cheia de alegria com suas asas adoráveis, a borboleta elogiava Fudukazi com palavras, tantas e tão brilhantes, que podiam encher o céu da noite como as estrelas.

Cos Cosi Iyaphela.

Aqui terminamos a nossa história.

Fudukazi's Magic

A traditional southern African tale

Kwesukesukela, it happened a long time ago. There was a time when all the animals in the world were the same dull brown colour: the small and the big ones, the fierce and the gentle ones, the fast and the slow ones, they were all dull brown.

But you could tell the animals apart. They were different sizes. They ate different foods. They made different calls.

Some of the animals did not care what colour they were. They were happy as long as they had enough to eat and they felt healthy. Others wanted to make themselves good looking but did not know how to do this.

At that time there was a wise old tortoise who had lived for almost two hundred years. She was slow like all tortoises, but she knew how to listen and learn. She had learnt many, many things in her lifetime.

Most of the animals, birds, reptiles and insects liked the wise old tortoise.

They all called her Fudukazi. This name meant many things like Great Old Tortoise, Respectable Tortoise, or Queen Mother Tortoise.

But Fudukazi did have one enemy.

One day it was very hot. It felt as if the sun had come down a little lower. Hyena was looking for food. He walked for a long time and found nothing. He was in such a bad mood and he wished there was someone he could blame for his hunger.

He saw a shady tree close to a small river. He went closer and drank some water before going to rest for a while.

He soon fell fast asleep and then the sound of a happy voice woke him up.

"Qhip kowe! Qhip kowe! What a lucky day for me! Mmmmm, look at all these mushrooms!"

Hyena opened one eye and looked. "Oh no," he cried, "it's that funny old tortoise called Fudukazi!"

"Hey you! Stop singing and eating those mushrooms!" he shouted angrily at Fudukazi.

But Fudukazi smiled brightly and said, "Oh! It is you, Hyena. Don't be so angry. Come and join me! There are far too many mushrooms here for me alone."

"I hate mushrooms!" growled Hyena, feeling very hot and hungry.

Then an idea came to Hyena. He picked the old tortoise up and put her in the tree. With a sly grin he said, "Ha! Now let's see you enjoy your mushrooms."

Hyena walked away satisfied that Fudukazi was also hungry.

Fudukazi struggled but she was afraid that she would fall any minute. The old tortoise called for help as loudly as she could. Only the echo of her own voice came back.

But then a young leopard walked by. She was an ordinary dull brown leopard like all the other animals. And she was shocked by what she saw. "Fudukazi, what are you doing up there? Since when can you climb trees?" she asked.

"Hyena put me here! Please Leopard, get me down!" Fudukazi begged.

Leopard quickly stood up on her hind legs and brought Fudukazi down safely.

"Do not go yet. I want to thank you for saving my life," said the wise old tortoise.

But Leopard said, "You don't need to thank me."

Fudukazi said, smiling, "I think you will like what I want to do for you. Stand here, close your eyes and make a wish."

Leopard became excited. She had always wished for a new, more colourful coat. She closed her eyes and wished with all her heart to be beautiful.

Fudukazi moved around her, slowly as all tortoises do, and sang a song.

"Please make her beautiful, because she's so kind."

Three times she sang these words and then she said, "Leopard, open your eyes!"

When Leopard opened her eyes she saw that she had a beautiful, honey-coloured coat with dark brown spots all over. She jumped up and down, laughing.

"Oh, thank you Fudukazi, you loveable, wise tortoise!" she cried happily.

She ran, not knowing where she was going, too happy to think. She came to a place where many women were working in the fields near a village. They were amazed by her beauty.

"What animal is that? Let's catch it! I want it to be my pet!" shouted one woman. But Leopard ran faster and disappeared into the bush.

Leopard met Giraffe who was also very impressed and cried, "Oh Leopard, you look beautiful. Where did you get that new coat?"

"From Fudukazi, the wise old tortoise. Why don't you get one too?" Leopard replied proudly.

Giraffe ran off to find Fudukazi. He almost stepped on her shell in his hurry. "Excuse me Fudukazi, I've just seen Leopard's new coat. May I have one too?" he asked.

Fudukazi told him to stand still, close his eyes and make the wish. Giraffe did as he was told, wishing with all his heart to be good looking.

Slowly, as all tortoises do, Fudukazi moved around him singing her song, "Please make him good looking, because he's so kind."

She sang these words three times and then said, "Open your eyes, Giraffe!"

Giraffe was so pleased with his new coat. "Thank you Fudukazi! Thank you Respectable Old Tortoise. I am so happy," he cried.

He walked away feeling like a new man.

Zebra suddenly appeared in front of Giraffe. He looked a little confused and close to tears.

"What is going on in the world today? First I see Leopard looking brand new, then I see you looking so very handsome. Am I the only one who is still this dull brown?"

Giraffe shook his head and clicked his tongue. "Nx! What are you so sad about?" he asked Zebra. "Just go to the kind old tortoise and ask her for a new coat. That's all you need to do."

Zebra ran to Fudukazi. Out of breath and unable to stop his tears, he begged her for a new coat.

"If you do not stop your crying I will not do a thing for you," said Fudukazi, teasing.

Zebra quickly wiped away the tears and said, "Look, I am not crying any more. Please give me a new coat – any pattern you like!"

Fudukazi told him to stand still, close his eyes and make the wish. Zebra did as he was told and wished with all his heart to be good looking.

Tortoise moved around him, slowly as all tortoises do, and she sang her song, "Please make him good looking, because he's so kind."

She sang the words three times and then said, "Open your eyes, Zebra!"

When he looked at his black and white coat, Zebra was too happy for words. Then he said, "From the bottom of my heart, from each and every stripe on my new coat, I thank you, Queen Mother Tortoise!"

Fudukazi watched him gallop away and she felt good.

That day turned out to be the busiest day of Fudukazi's long life. More animals came for new coats. They had had enough of being dull brown. They stood still, closed their eyes and made a wish...

Fudukazi went around them singing her song. More magic happened.

Cheetah got spots. Elephants got tusks. Rhino got horns. Kudu got stripes. Porcupine got quills. Camel got a hump. Chameleon got a coat that changes colour every day! And Lion got himself a great big mane, to make him feel proud and powerful as he ruled over the bush and plains.

Hyena noticed that every animal had a new coat. He demanded to know who had decorated them.

"Fudukazi, the wise old tortoise!" came the answer again and again.

"You mean that foolish old tortoise who eats mushrooms?" shouted Hyena.

"Yes, that's the one," replied the animals.

Hyena rushed to find Fudukazi. He stood in front of her and said, "Make me the most handsome animal in the whole world. Or back to the tree you go!"

So Tortoise gently told Hyena, "Stand still, close your eyes and make the wish."

Hyena stood there with his eyes closed. Do you think he had any good wishes in his heart? No, he didn't!

"If only this old tortoise did not have such a hard shell," cried Hyena. This was all he wished for, because he wanted to eat her!

Fudukazi knew what he was thinking so she changed the words of her song,

"Please make him ugly, because he's so cruel."

She sang these words three times and said, "Open your eyes, Hyena."

When he opened his eyes he did not say thank you or even look at himself. He ran away proudly to show off.

The village children ran away in fear when they saw him. Their parents shouted, "Get away from here, you will bring us bad luck." In their language they said, "*Hamba, Mshologu!*"

This hurt Hyena's feelings a little but he thought they were just jealous.

As he ran into the bush he met the other animals admiring each other. They stopped and looked at Hyena in amazement.

They pointed at him screaming, "Please don't come near us! You look ugly!"

The animals shouted many more insults.

Then Hyena had to look at himself for the first time. Oh, he looked terrible!

Hyena went and hid behind some thick bushes and hoped no one would look at him or say anything about his new coat.

Hyena knew if he had been kinder to others his life could have been better. But from that day he stopped hunting in the daytime.

When he was hunting at night, under the safe blanket of darkness, he always remembered a brightly coloured butterfly. She was full of joy with her lovely wings. She praised Fudukazi with words so shiny and many they could fill the night sky like stars.

Cos Cosi Iyaphela.

Here we rest our story.

A Criança Mais Bela

A coruja de Lakshmi fitava a deusa sem piscar. A coruja achava que Lakshmi, a deusa da fortuna e da boa sorte, era a mais gentil e a mais adorável deusa do Céu. Pedras preciosas e jóias maravilhosas brilhavam nos seus cabelos e no seu corpo. A coruja gostava muito dela e tinha orgulho de ser seu animal de estimação.

Era como se a coruja fosse os olhos e os ouvidos de Lakshmi. Contava à deusa todas as notícias do Céu e da Terra. Levava mensagens e ajudava-a de muitas outras maneiras.

Às vezes, mudava o seu tamanho e se transformava num pássaro gigante. Lakshmi montava no seu dorso e a ave, voando, levava a deusa para onde ela quisesse ir.

Um dia, Lakshmi estava sentada em seu jardim, desfrutando da brisa fresca que soprava através das flores perfumadas. A coruja a observava de uma árvore próxima. Ela nunca se cansava de olhar para a deusa. Lakshmi havia tirado do seu colo um brilhante colar de ouro e brincava com ele, rolando-o entre os dedos. Estava silenciosa e pensativa.

A coruja queria saber o que a deusa estava fazendo. Voou para o chão e pousou no joelho de Lakshmi.

– Diga-me, deusa Lakshmi, por que tirou esse belo colar? O que fará com ele?

– Ora, meu bichinho, – a deusa respondeu – estava pensando em como gostaria de dar este colar para alguém muito especial.

– Para quem? – perguntou a coruja. – Para quem o dará, deusa Lakshmi? Quem será o felizardo?

Ela balançava a cabeça de um lado para o outro ao passar o peso do corpo de um pé para o outro. Sabia que a deusa, muitas vezes, dava jóias de ouro e prata para as pessoas na Terra.

A deusa respondeu sorrindo:

– Sim, é exatamente essa pergunta que fazia a mim mesma.

– E quem você decidiu presentear? Quem? Quem? – perguntou a coruja, tocando de leve a mão de Lakshmi com a cabeça de penas brancas.

– Bem, - disse Lakshmi – como é um lindo colar, decidi que ele deve pertencer à mais bela das crianças.

– Quem? Quem? – perguntou a coruja, balançando a cabeça e piscando de impaciência. – Quem é a criança afortunada? Quem é a criança mais bela? Quem? Quem?

– Você decidirá para mim, amiga – disse a deusa sorridente. – Pegue este colar e voe pelo universo. Procure e encontre a criança mais linda de todas. Coloque isto no colo dela. Sei que fará a escolha certa.

Com cuidado, a coruja segurou o colar no seu bico e saiu voando nessa importante missão.

A coruja de Lakshmi sobrevoou os jardins, os lagos e os palácios do Céu. Voou sobre as montanhas e os rios, pelos vales verdes, observando todas as crianças do Céu.

A seguir, voou para a Terra. Seus olhos redondos espriaram pelas janelas de todos os lares e escolas.

Ela olhou pelas janelas das cabines dos navios.

Olhou pelo vidro grosso das janelas dos aviões. Olhou para todas as crianças de todos os países da Terra.

Alguns dias se passaram antes que a coruja retornasse para sua senhora.

– Deusa Lakshmi, estou de volta – disse a ave. Ela afofou suas penas brancas como a neve. – Fiz como me pediu. Observei todas as crianças na Terra e no Céu. Dei o seu precioso colar para a mais linda de todas.

– Muito bem, meu bichinho! – disse Lakshmi, batendo palmas. – Diga-me, foi difícil fazer a sua escolha? Quem é a criança mais bela de todas?

– Foi a tarefa mais fácil do mundo, deusa Lakshmi – respondeu a coruja, sem pestanejar. – Espiei todos os lares e examinei cada criança. Mas, embora houvesse muitas crianças meigas e adoráveis, não havia como escolher uma. Nenhuma delas se igualava à minha pequena corujinha. A criança mais bela de todas é a minha criança, profundamente adormecida em nosso ninho. Dei o colar para ela.

A deusa riu e estendeu os adoráveis braços. A coruja de Lakshmi abriu as asas e voou para a deusa.

Lakshmi alisou as penas da coruja amorosamente e disse:

– Sim, fez muito bem. Fez a escolha certa. Para os olhos da mãe, a sua criança é a mais bela de todas!

The Most Beautiful Child

The Lakshmi owl stared at the goddess with unblinking eyes. The owl thought that Lakshmi, the goddess of wealth and good fortune, was the kindest and the loveliest of the goddesses in Heaven. Precious stones and wonderful jewels sparkled on her hair and body. The owl adored her and was very proud to be her pet.

The owl often served as Lakshmi's eyes and ears. She told the goddess all the news of Heaven and Earth. She would carry messages and help her in many little ways.

Sometimes the owl would change her size and become a giant bird. Then Lakshmi would climb on her back and the owl would fly the goddess wherever she wanted to go.

One day, Lakshmi was sitting in her garden, enjoying the cool breeze blowing through the perfumed flowers. The owl watched her from a nearby tree. She never tired of looking at the goddess. Lakshmi had removed a shining gold necklace from her throat and was playfully twirling it around her fingers. She was silent and thoughtful.

The owl wondered what the goddess was doing, so she flew down and sat on Lakshmi's knee. "Tell me, Goddess Lakshmi," she begged, "why have you taken off that beautiful necklace? What will you do with it?"

"Why, my pet," the goddess replied, "I was thinking that I would like to give this necklace to someone very special."

"Who to?" asked the owl. "Who will you give it to, Goddess Lakshmi? Who will be the lucky person?" She shifted her weight from one foot to the other and her head swayed from side to side. She knew that the goddess often gave gold and silver jewellery to people on Earth.

The goddess answered, smiling, "Yes, that is the very question I've been asking myself."

"And who have you decided on?" asked the owl. "Who? Who?" She nudged Lakshmi's hand with her feathery white head.

"Well," said Lakshmi, "as it's a most beautiful necklace, I have decided it should belong to the most beautiful child of all."

"Who? Who?" asked the owl, shaking her head and blinking in her impatience. "Who is that lucky one? Who is the most beautiful child? Who? Who?"

"You will decide that for me, my friend," said the smiling goddess. "Take this necklace and fly around the universe. Look and find out who is the most beautiful child of all. Put this around her neck. I know that you will make the right choice."

Carefully, the owl held the necklace in her beak and flew away on this important duty.

The Lakshmi owl circled over the gardens, lakes and palaces of Heaven. She flew over the mountains, across the rivers, and down the green valleys, looking at every child of Heaven.

Then she flew to Earth. Her round eyes peered through the window of every home and school.

She stared through the cabin windows of ships.

She stared through the thick glass windows of aeroplanes. She looked at all children of every country on Earth.

Several days passed before the owl returned to her mistress. "Goddess Lakshmi, I am back," said the bird. She fluffed her snowy white feathers. "I have done as you asked. I looked at all the children on Earth and in Heaven. I gave your precious necklace to the most beautiful of all."

"Well done, my pet!" said Lakshmi, clapping her hands. "Tell me, was it difficult to make your choice? Who is the most beautiful child of all?"

"It was the easiest task in the world, Goddess Lakshmi," replied the owl, without blinking an eyelid. "I peeped into every home and looked at every single child.

But though there are many sweet and lovely children, there was really no choice at all. None of them could match my own little owlet. The most beautiful child of all is my baby, fast asleep in our nest. I have given the necklace to her."

The goddess laughed and stretched out her lovely arms. The Lakshmi owl spread its wings, and then she flew towards the goddess.

Lakshmi stroked the owl's feathers lovingly and said, "Yes, you have done very well. You have made the right choice. In every mother's eyes, her own child is the most beautiful of all!"

Referências bibliográficas

MHLOPHE, Gcina. *Fudukazi's Magic*. Cambridge University Press, 1999.

CHATTERJEE, Debjani. *The Most Beautiful Child*. Cambridge University Press, 1996.